

SANTA TERESA DE JESUS
15 de outubro de 2016

Faz um ano, o 15 de outubro de 2015, finalizavam as celebrações do V centenário do nascimento de santa Teresa. À distância de um ano, surge espontânea a pergunta: Os anos de preparação e, depois, o ano do centenário, com tantos eventos que marcaram o seu passo, mudou algo nas nossas vidas? Pessoalmente, com toda a prudência que requer a questão, responderia que sim: o ano, ou melhor, os anos teresianos quase nos obrigaram a escutar de novo sua voz, com esse timbre inconfundível, feito de simplicidade, de sinceridade e de paixão pelo sion por lo descoberto. Admitámo-lo: é difícil permanecer indiferentes ante o modo de falar desta mulher, que é capaz de tocar registos profundos do nosso coração, da nossa humanidade, do nosso ser cristãos e religiosos.

É precisamente esta estreita proximidade e esta aberta confiança com ela, com a nossa Santa Madre, o que nos leva a perguntar-nos sobre o modo como estamos vivendo e testemunhando o seu carisma. Como muitos de vós sabeis, a Ordem empreendeu, a partir do Capítulo Geral do ano passado, uma releitura das nossas Constituições. Neste momento toca-nos trabalhar sobre o capítulo dedicado à oração e à comunhão com Deus. Desde ao menos há cinquenta anos constatamos uma crise da oração na nossa família religiosa. Pergunto-me se não estamos inclusivamente já habituados ou resignados a conviver com ela, ao ponto que quase nem constitui um problema ou uma dificuldade sobre a qual devemos trabalhar, pessoalmente e comunitariamente. Naturalmente, creio e espero que não seja assim maioritariamente, e que a crise siga gerando em nós uma saudável inquietação e uma necessidade de buscar com maior empenho aquilo que ainda não conseguimos encontrar.

Falando de crise da oração, não me refiro só à infidelidade aos actos externos de oração. A crise é mais profunda e toca as motivações e o sentido da mesma, tal e como nos ensinou santa Teresa. Às vezes apresenta-se como justificação da infidelidade à oração a falta de tempo e o excesso de ocupações. Isso é certo, sem dúvida, em alguns casos e em alguns momentos. Mas, em geral, tenho a impressão de que se confunde a causa com o efeito, ou seja: preferimos encher o nosso tempo de actividades, cuja utilidade parece evidente e verificável. O problema não é o tempo que falta para a oração, mas sobretudo o tempo que dedicamos à oração. Não esqueçamos que este problema também o viveu Teresa, e não durante um período breve, mas durante vinte anos, em que lhe resultava tão penoso ir à oração, preferindo passar pelas mais fortes penitências (cf. *Vida* 8,7).

O cardeal Martini, numa série de meditações sobre a oração segundo os ensinamentos de santa Teresa, fala de três fases ou estados da oração: espontânea, difícil e dom. Parece-me, na sua simplicidade, um bom apontamento para a reflexão. Todos experimentamos a oração espontânea; todos os homens, incluso os não crentes. É espontânea a oração que brota do coração como invocação de ajuda ou petição de perdão ou acção de graças. É a oração desses instantes nos quais parece que a vida

mesma se faz oração, que necessita, para ser plenamente viva, desdobrar-se como oração, talvez nem sequer pronunciada, como um simples latido do coração ou uma respiração imperceptível. Há experiências que se abrem e nos abrem instintivamente a um Outro, a um interlocutor capaz de acolher a infinidade da nossa dor, da nossa alegria, do nosso sentimento de culpa ou do nosso agradecimento.

Mas a oração não é só isto, do mesmo modo que viver não é só respirar e amar não é só provar a embriaguez do enamoramento. A oração de que fala Teresa não é só aquela “de quando criança” (*Vida* 3,5). É uma vida de oração e como tal experimenta todas as fadigas e as dificuldades do nosso caminho terreno. Um irmão dizia-me há alguns dias: «Mas, no fundo, a oração é um meio, não um fim.» Pensei um pouco sobre isso e finalmente devo dizer: lamento, não estou de acordo. As orações podem ser um meio, mas a oração, tal e como a entende Teresa, é um fim. Como poderia ser de outro modo, se a oração é um estar muitas vezes a sós como amigos com Aquele que sabemos que nos ama? (cf. *Vida* 8,5) ou “tal como cá, na terra, quando duas pessoas se querem muito e têm bom entendimento, até sem sinais, parece que se entendem só com o olhar” (*Vida* 27,10). Mas esta, se dirá, é já terceira fase, a da oração como dom, na qual se reencontra a simplicidade da oração espontânea, se bem reforçada e fundada na solidez de uma relação de íntimo conhecimento recíproco.

É assim. No meio está, certamente, a oração difícil, a oração molesta, a que nos custa. Mas isto vale também para o amor: entre o enamoramento e a pacífica confiança entre os velhos amantes, estão as lutas, as tempestades, as infidelidades e as reconciliações. Do mesmo modo que existe sempre um diálogo ininterrompido, que leva a duas pessoas a conhecer-se a fundo, descendo inclusivamente aos espaços e às chagas mais escondidas, mais dolorosas, mais difíceis de fazer ver e de aceitar. Esta é a dificuldade da oração: a dificuldade da fé, ou melhor, da confiança no Outro, a dificuldade de crer no amor, o demasiado amor com que Deus nos amou, como gostava de repetir Isabel da Trindade citando a São Paulo (cf. Ef 2,4). Alguém defeniu a oração teresiana como uma “história de amizade”. E, efectivamente, se é amizade não pode ser senão uma história, uma longa história, com as suas luzes e as suas sombras, os momentos de aridez e cansaço e aqueles outros nos quais se bebe às mãos cheias da fonte; mas uma história que queremos viver juntos, nunca sem o outro, nunca sem a luz do seu olhar, nunca sem o consolo do seu perdão.